

ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL DAS FRATURAS DE FÊMUR EM IDOSOS NO BRASIL DE 2015 A 2019

Henrique Marcelino Ovídio de Oliveira¹
Joyce Kyuria Dantas Ovídio²
Isabelle Canuto Rabelo Barbosa³
Jardany Miranda Souza⁴
Diego Bonfada⁵

INTRODUÇÃO

Percebe-se que o processo de envelhecimento populacional no mundo é resultado de diversas transformações, estando intrinsecamente relacionado aos avanços da ciência e da tecnologia, as quais proporcionaram mudanças em alguns indicadores de saúde, como: queda das taxas de mortalidade e de fecundidade e aumento da expectativa de vida (BRASIL, 2010). Essa alteração na estrutura etária populacional é caracterizada como um fenômeno universal, sendo constatada tanto em países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento; assim, tem-se buscado, cada vez mais, compreender o processo de envelhecimento, procurando alternativas para melhor manter seus cidadãos idosos socialmente e economicamente integrados e independentes (BATISTA et al., 2008).

Em virtude da existência das variações geográficas, é importante ressaltar que para a Organização Mundial da saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), a partir do marco legal da Política Nacional do Idoso e Estatuto do Idoso, biologicamente são considerados idosos todos com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2010). Estes representam mais de 12% da população mundial, sendo que, até 2030, esse índice aumentará para 16,5% em todo o mundo e para 10% nas regiões menos desenvolvidas (LLOYD-SHERLOCK, MCKEE, EBRAHIM, 2018); no Brasil, cerca de 15,5% dos indivíduos se encontram nessa faixa etária (IBGE, 2018). Projeções apontam que em 2050 existirão mais de 2 bilhões de pessoas com 60 anos ou mais

¹ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, henriquemarcelino123@gmail.com;

² Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, joyce_kdantas@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, isabellecanuto2014@hotmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jardanymiranda@yahoo.com.br;

⁵ Professor orientador: Doutor em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, diegobonfada@hotmail.com.

no mundo e aproximadamente 64 milhões de idosos no Brasil (BRASIL, 2010; IBGE, 2010). Assim, dados mostram que, com o avanço dos anos, a população tende para um progressivo envelhecimento. Tal situação se torna preocupante devido aos impactos para a sociedade, tanto no âmbito da previdência social como do sistema de saúde (LLOYD-SHERLOCK, MCKEE, EBRAHIM, 2018).

Com o progressivo envelhecimento populacional, vê-se uma ampliação dos indicadores relacionados ao desenvolvimento de patologias, principalmente aquelas caracterizadas como crônicas, marcando uma transição epidemiológica também vivenciada no país (RODRIGUES et al., 2008). Tal perspectiva decorre das modificações fisiológicas durante o processo de envelhecimento, como: perda de massa e redução da resistência e da função muscular, diminuição da massa óssea, rigidez articular, com redução da amplitude de movimento, e alterações na marcha e no equilíbrio. Essas modificações acabam comprometendo significativamente a mobilidade física da pessoa idosa, a qual se torna progressivamente predisposta à quedas, dores e incapacidade funcional (PAPALÉO NETTO, 2006; SILVA et al., 2007).

As quedas são vistas como uma das principais causas de morbidade e de mortalidade por causas externas entre os idosos. No Brasil, aproximadamente 30% dos idosos caem uma vez por ano e o risco de cair aumenta consideravelmente com o avançar da idade, chegando a 50% nos indivíduos com mais de 80 anos (VITORINO et al., 2017). Esses eventos podem ser causados por fatores intrínsecos relacionados ao indivíduo, os quais são decorrentes das alterações fisiológicas naturais do envelhecimento, além da presença de doenças, de fatores psicológicos e de reações adversas a medicações em uso. Além disso, tais eventos podem estar associados a fatores extrínsecos, os quais dependem de circunstâncias comportamentais, sociais e ambientais (BRASIL, 2010). Esse tipo de acidente gera no idoso diferentes consequências, como a perda da autonomia, lesões leves e fraturas, além disso, pode causar medo futuro de novas quedas, levando à restrição de atividades diárias, ao declínio da saúde global e ao aumento do risco de institucionalização (FABRÍCIO, 2004).

Verificando as ocorrências de fraturas, é possível constatar que as mais comuns são na região do fêmur, tendo a osteoporose como um importante fator de risco, justificando sua maior ocorrência no sexo feminino com idade igual ou superior a 60 anos (BACCARO et al., 2013; MACEDO et al., 2019). As informações mais recentes sobre fraturas de fêmur em idosos no Brasil reportam cerca de 63.060 internações hospitalares no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2019, com um custo total de 168 milhões de reais (DATASUS, 2020). Tais internações podem

acarretar: diminuição da autonomia do idoso, passando a ser dependente em suas atividades; maior risco para o desenvolvimento de comorbidades; altos gastos em internações; e ampliação do risco de morte nos indivíduos com idades mais avançadas (SILVEIRA et al., 2005; CUNHA & VEADO, 2016)

Sendo assim, diante dos impactos coletivos e individuais decorridos pelo evento e da importância dos estudos sobre o tema no Brasil, o presente trabalho tem como finalidade descrever a evolução temporal e espacial dos casos de fratura de fêmur na população idosa, em todas as regiões do país, por sexo, em um período de cinco anos.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de um estudo ecológico com componente de série temporal, avaliando indicadores relacionados às fraturas de fêmur em idosos no período de 2015 a 2019. Os dados foram obtidos no Sistema de Informações Hospitalares (SIH), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), e tabulados a partir do programa TabWin, sendo exportados, posteriormente, para o Microsoft Excel com o intuito de consolidar os dados. Estes foram analisados de acordo com as Unidades da Federação (UF) do Brasil em relação ao sexo.

Conforme estabelecido pela Política Nacional do Idoso, Artigo 2º. da Lei nº 8.842 de 1994, considerou-se idosos aqueles com idade igual ou superior a 60 anos. Assim como, incluiu-se os casos de fratura de fêmur sem haver discriminação da localização anatômica específica, portanto, abrangeu-se todos os códigos relativos a 10ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o período de 2015 a 2019, houve um aumento de 33,7% das internações hospitalares dos idosos em decorrência de fraturas no fêmur. Comparando-se as porcentagens entre os anos, o maior aumento foi de 10,6% entre os anos 2015 e 2016 e o segundo intervalo com maior elevação foi de 8,16%, entre os anos 2018 e 2019.

Tendo como base a faixa etária de 60 a 69 anos, no período de 2015 a 2019, houve um aumento de 37,7% das internações, a medida que entre 70 e 79, essa elevação foi de 30,1% e, por fim, acima de 80 anos a porcentagem foi de 34%. Além disso, identificou-se que a taxa de

incidência de fraturas no fêmur em idosos com idade acima de 80 anos é aproximadamente 48% dos casos totais, o que corresponde a uma porcentagem 2,37 vezes maior quando comparada com a de idade entre 60 e 69 anos, a qual corresponde a 20,2%.

Com relação à progressão da incidência de fraturas associadas à idade, percebe-se que esta decorre do fato de que os idosos com idades mais avançadas vão se tornando progressivamente mais vulneráveis à problemática. Tal perspectiva está associada às modificações referentes ao processo de envelhecimento, já que com o passar dos anos o corpo se torna mais debilitado e com menor flexibilidade devido à diminuição da massa muscular e óssea, que, em conjunto com outras alterações fisiológicas e fatores extrínsecos, são responsáveis pelas quedas (FABRÍCIO, 2004; BRASIL, 2010).

Além disso, a proporção das internações por fratura de fêmur foi maior para os idosos do sexo feminino, com uma razão mulher/homem de 2,15/1, ou seja, a incidência de fraturas de fêmur em mulheres com idade igual ou superior 60 anos, no período estudado, foi 115% superior a dos homens da mesma faixa de idade. Dessa maneira, percebe-se que além do fator da idade, as mulheres estão mais vulneráveis ao problema devido ao próprio processo natural e fisiológico da menopausa, o qual causa redução dos níveis do hormônio estrogênio e uma consequente interferência no processo de remodelação óssea, sendo esta situação responsável pelo desenvolvimento da osteoporose, que acaba ocorrendo de forma precoce (RADOMINSKI et al., 2017).

A osteoporose é definida como uma doença sistêmica progressiva caracterizada pela diminuição da massa óssea, que gera fragilidade do osso (NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH et al., 2000). Tal patologia é vista como principal fator de risco para fraturas ósseas em idosos, as quais são ocasionadas tanto de forma espontânea como através de traumatismos, afetando, principalmente, os ossos longos, como o fêmur (DORE et al., 2013). O aumento progressivo dessa doença tem correlação com o crescimento da população idosa e das alterações no comportamento humano, tais como diminuição de cálcio, sedentarismo, alcoolismo e tabagismo (GALI, 2001).

Com relação à perspectiva espacial da ocorrência das fraturas de fêmur na população idosa brasileira, foram identificados: 3,7% na Região Norte; 18,6% na Região Nordeste; 51,6% na Região Sudeste; 19,1% na Região Sul e 6,7% na Região Centro-Oeste. Ao analisar tais dados, percebe-se que Região Sudeste apresentou maior incidência de todos os casos e a Região Norte a menor delas. Apesar de metodologicamente o estudo não permitir afirmar a verdadeira causa dessas diferenças, este foi um achado relevante que levanta a possibilidade de que alguns

fatores poderiam influenciar a ocorrência das fraturas de fêmur; dentre tais fatores estão os geográficos, já que o sudeste brasileiro apresenta, quando comparado às demais regiões do país, maior população e taxa de envelhecimento, além disso, variações nos hábitos alimentares e, até mesmo, diferentes ações de saúde instituídas de forma regionalizadas poderiam ser apontadas como possíveis determinantes de tal desfecho.

Nesse sentido, percebe-se que a população brasileira está em progressivo envelhecimento e que tal processo está associado à ampliação dos casos de fratura de fêmur, o que gera impactos financeiros e sociais. Arelado a isso, a presença de uma baixa ampliação de planos de ações em saúde, para controlar fatores predisponentes para o evento estudado, dificulta o estabelecimento de um envelhecimento saudável para a população, que, conseqüentemente, estará cada vez mais vulnerável ao sofrimento de quedas e de fraturas no fêmur.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi possível identificar aumento no número de casos de fratura de fêmur em idosos entre os anos 2015 e 2019, atingindo predominantemente aqueles em idades mais avançadas e mulheres. Como tal perspectiva está relacionada a elevados custos financeiros e sociais, levando a impactos coletivos e individuais, políticas públicas de saúde, visando controlar fatores predisponentes para esse evento, devem ser intensificadas e ampliadas, especialmente ao considerar que as estimativas preveem progressivo aumento da população idosa nos próximos anos e, conseqüentemente, das doenças e fatores de risco relacionados à idade.

Palavras-chave: Idoso, Fraturas do fêmur, Medidas em Epidemiologia.

REFERÊNCIAS

BACCARO, Luiz Francisco et al. Factors associated with osteoporosis in Brazilian women: a population-based household survey. **Archives of osteoporosis**, v. 8, n. 1-2, p. 138, 2013.
BATISTA, Analia Soria et al. Envelhecimento e dependência: desafios para a organização da proteção social. **Brasília: MPS, SPPS**, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. **Cadernos de Atenção Básica n° 19**, 2010.

_____. IBGE. Censo demográfico, 2010. **Características da População e dos Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010.

CUNHA, Ulisses; VEADO, Marco Antônio Castro. Fratura da extremidade proximal do fêmur em idosos: independência funcional e mortalidade em um ano. **Rev. bras. ortop**, p. 195-199, 2006.

DATASUS. Morbidade hospitalar no SUS. [Internet; cited abr 2020]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/>

DORE, Naomi et al. Improving care after hip fracture: the fracture? Think osteoporosis (FTOP) program. **BMC geriatrics**, v. 13, n. 1, p. 130, 2013.

FABRÍCIO, Suzele Cristina Coelho; RODRIGUES, Rosalina A. Partezani; COSTA JUNIOR, Moacyr Lobo da. Causas e conseqüências de quedas de idosos atendidos em hospital público. **Revista de saúde Pública**, v. 38, p. 93-99, 2004.

GALI, Julio Cesar. Osteoporose. **Acta Ortopédica Brasileira**, v. 9, n. 2, p. 53-62, 2001.

LLOYD-SHERLOCK, Peter; MCKEE, Martin; EBRAHIM, Shah. WHO washes its hands of older people. **The Lancet**, v. 391, n. 10115, p. 25-26, 2018.

MACEDO, Gelvison Gomes et al. Fraturas do fêmur em idosos: um problema de saúde pública no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 6, p. e1112-e1112, 2019.

NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH et al. Osteoporosis prevention, diagnosis, and therapy. **NIH consensus statement**, v. 17, n. 1, p. 1-36, 2000.

PAPALÉO NETTO, Matheus; CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz; SALLES, Renata FN. Fisiologia do envelhecimento. **Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica**, v. 2, p. 43-62, 2006.

PNAD, IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Rio de Janeiro: IBGE**, 2018.

RADOMINSKI, Sebastião Cezar et al. Diretrizes brasileiras para o diagnóstico e tratamento da osteoporose em mulheres na pós-menopausa. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 57, p. 452-466, 2017.

RODRIGUES, R. A. et al. Morbidity and interference in seniors' functional ability. **Acta Paul Enferm**, v. 21, n. 4, p. 643-8, 2008.

SILVA, T. M. et al. The vulnerability of the aged for the falls: analysis of the critical incident. **Rev Eletr Enf [Internet]**, v. 9, n. 1, p. 64-78, 2007.

SILVEIRA, Virgínia Angélica Lopes et al. Incidência de fratura do quadril em área urbana do Nordeste brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 907-912, 2005.

VITORINO, Luciano Magalhães et al. Miedo de caer en ancianos residentes en su domicilio: factores asociados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, 2017.